

LUIZ PACHECO

Escritor, Editor e Crítico

1925-2008



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA

Dezembro 2014



aldina 74

A Comissão Municipal de Toponímia, órgão consultivo constituído por personalidades de reconhecido mérito – e que desde 2014 integra dois presidentes das juntas de freguesia da cidade, em representação destes órgãos de proximidade – prossegue o seu trabalho em prol da memória dos habitantes mais ilustres de Lisboa.

Ruas e avenidas, largos e praças, becos e escadinhas, mas também edifícios significativos recebem os nomes daqueles que um dia importaram à cidade, fruto do seu percurso de vida e de trabalho. Na sua companhia torna-se fascinante cruzar os diferentes espaços e senti-los palpitar, gozando de uma verdadeira aula de História ao ar livre.

No sentido de dar a todos a oportunidade de viver e reviver esta aula, de a complementar e enriquecer, a Câmara Municipal de Lisboa, através da sua Direcção Municipal de Cultura, organiza e disponibiliza em papel e *online* brochuras dedicadas aos vultos homenageados, projectando o seu valor no presente e a futuro.

Luiz Pacheco, nascido em Lisboa no ano de 1925, foi um homem de personalidade singular. Livre-pensador, irreverente mas lúcido, acabaria por se tornar uma figura incontornável das letras do século XX em Portugal, tendo-se dedicado à escrita, à edição e à crítica literária. Lisboa rende-lhe esta homenagem simbólica agradecendo-lhe ter servido apaixonadamente as Letras e a Cultura.

Lisboa, dezembro de 2014

Catarina Vaz Pinto

Vereadora de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



Luiz Pacheco com 2 anos (Praia do Monte Estoril, 1927)



LUIZ PACHECO

1925-1998

Luiz Pacheco foi um homem livre, irreverente e lúcido, incontornável na literatura do século XX português enquanto escritor singular, editor e crítico.

Nasceu alfacinha à 1h40 do dia 7 de maio de 1925, no 1º andar do nº 91 da Rua de Dona Estefânia, registado como Luís José Gomes Machado Guerreiro Pacheco ¹, filho único de Paulo Guerreiro Pacheco ² e Adelina Maria Machado Gomes.

Estudou no Liceu Camões a partir de 1936 ³ e, graças à boa classificação no exame de admissão à Faculdade de Letras de Lisboa frequentou o primeiro ano do curso de Filologia Românica isento de propinas. Teve como professor Vitorino Nemésio ⁴ que lhe deu 18 valores, mas apesar de ser bom aluno acabou por desistir por dificuldades financeiras e pelo desencanto com o tipo de matérias lecionadas no então Curso Superior de Letras. A partir de 1945, começou a publicar textos em vários jornais e revistas, como o *Globo*, o *Diário Ilustrado*, o *Diário Popular* ou a *Seara Nova*. Em 1946, graças a um conhecido do seu pai foi admitido como agente fiscal da Inspeção de Espetáculos, no Palácio Foz. Aí chegou a 3º Oficial, até ao dia 6 de julho de 1959 em que se demitiu. Nesses tempos, apresentava-se de fato e gravata e assim frequentava o Café Gelo, sendo de recordar



(1) A grafia «Luiz» é uma escolha de Pacheco.

(2) De raízes alentejanas, o seu pai era funcionário público e músico amador.

(3) Foi colega de José Cardoso Pires, Jaime Salazar Sampaio e José Manuel de Alenquer

(4) Vitorino Nemésio dá nome a rua na freguesia de Santa Clara, desde o Edital de 20/11/1978, nas proximidades da Rua Jorge de Sena

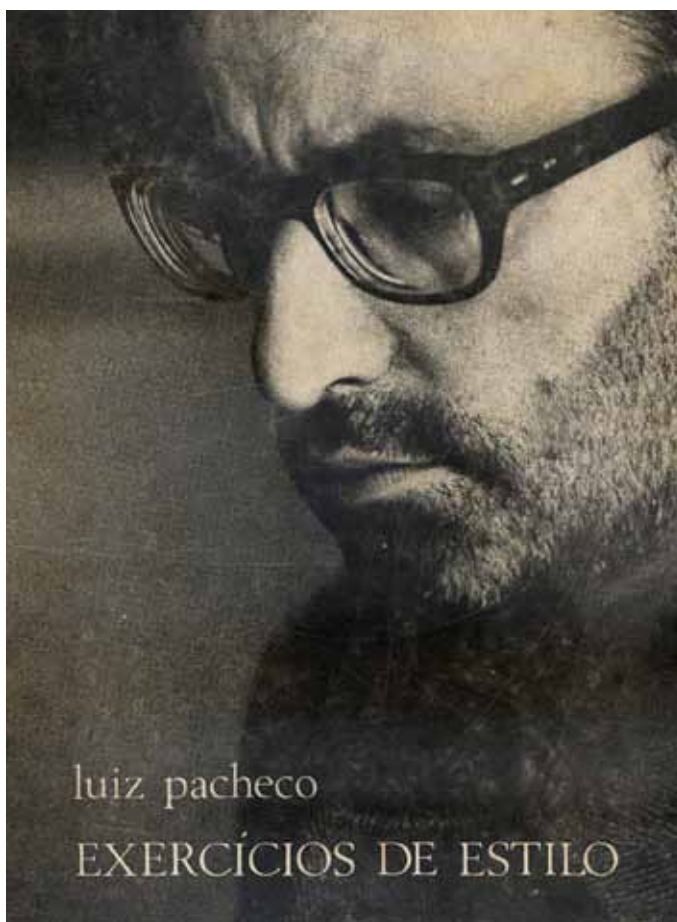
que no dia 19 abril de 1951 – o dia seguinte ao da morte do Marechal Carmona - ostentou uma gravata colorida, em vermelho e castanho, pelo que foi repreendido. Refira-se que em 1946 Luiz Pacheco assinara as listas do MUD - Movimento de Unidade Democrática.



O nº 91 de Rua Dona Estefânia em cujo 1º andar nasceu Luiz Pacheco

Mas Luiz Pacheco foi-se construindo sobretudo como um escritor de talento e singular, autor de uma obra fragmentária e dispersa - que regularmente compilou em volumes, mais ou menos temáticos, dos quais se destaca *Exercícios de Estilo*, que junta vários dos seus mais belos e significativos textos -, nunca tendo publicado uma obra de maior extensão. Alicerçou o cerne da sua criação literária na sua aversão às convenções, num testemunho constante da sua ânsia de ser livre e descomprometido e de seguir o seu próprio caminho, usando a própria vida pessoal como tema de eleição e, afirmando mesmo que «A imaginação é a minha vida», ao mesmo tempo que funcionava

como um grito permanente de contestação contra a mediocridade, a hipocrisia e o sombrio ambiente imposto à vida portuguesa pelo Estado Novo. Homem sempre politicamente atento e crítico, Pacheco identificou-se ao longo de toda a sua vida com a luta contra a Ditadura, com a oposição democrática e, em particular, com o Partido Comunista Português, o que se repercutia literariamente numa tendência também realista.



Exercícios de Estilo, 1971

O seu primeiro editor ⁵, Vítor Silva Tavares, aponta que Pacheco «fez uma simbiose muito forte entre o seu percurso de vida e a sua literatura. Desdobrou-se na personagem que ele próprio criou, a personagem do vadio e do pedinte, de libertino, de libertário, de iconoclasta» ⁶.

Houve quem esteticamente o integrasse na área surrealista mas Luiz Pacheco sempre o negou e que «Deus o livrasse de tal» ⁷, sustentando antes a sua inclusão na corrente neo-abjecionista, singular na forma única de por meio da escrita se expor e assim se oferecer.



Luiz Pacheco no Lar dos Amigos dos Hospitalais (Lisboa, 2004). Foto: Patrícia Soares



Luiz Pacheco com o jornalista e escritor Baptista-Bastos (Lisboa, 1980). Foto: José Tavares

(5) Na editora Ulisseia.

(6) Voto de Pesar da Assembleia Municipal de Lisboa de 2008.

(7) Acedido em http://www.triplov.com/luiz_pacheco/abjecc.html

Os seus excessos de linguagem foram uma lufada de ar fresco na atmosfera adormecida das décadas de 50 a 70 do século passado, em que saltava à vista o lado satírico e auto-irónico, ideia que Pedro Paixão sempre defendeu sobre o seu «mestre querido», cuja «inteligência era um raio nas trevas deste país adormecido» ⁸. Pacheco escreveu para uma modernidade que havia de vir porque «Sim, jovens, todas as javardices que por vezes vocês ousam escrevinhar nos chats, já gente como o Pacheco escreveu e publicou antes de vocês nascerem. E sabem que mais? É Literatura, com H grande, porque algures, na escolha das palavras, na mesquinhice da vírgula, no arremesso alarve, na exclamação pela bosta de cão pisada, ele pertence a esse Olimpo» ⁹.



Carta Sincera a José Gomes Ferreira, 1958

(8) Espírito crítico e irreverência de Luiz Pacheco elogiados, (2008), *Público*.

(9) NUNES, L.P. (2001).

Luiz Pacheco publicou *Carta Sincera a José Gomes Ferreira* em 1958¹⁰, iniciando uma escrita de crítica inteligente, agressiva e irreverente, face aos costumes e nomes consagrados. Seguiu-se *O Teodolito* em 1962. Dois anos depois publicou *Comunidade*¹¹, considerada por muitos críticos e autores uma obra-prima da literatura portuguesa, um conto inspirado nos tempos em que por vezes não teve meios de subsistência para sustentar a família e não se coibiu de enfrentar a situação recorrendo a esmolas e donativos.



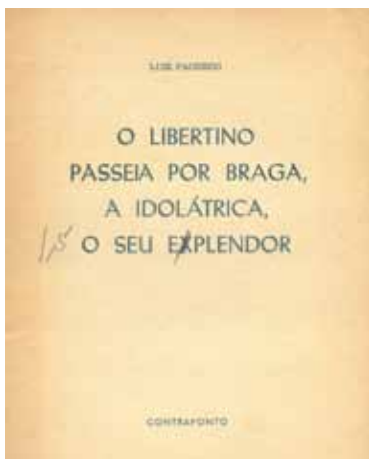
Capa da edição de 1999 de *Comunidade*

Em 1966, é dele o primeiro livro publicado pela Ulisseia, *Crítica de Circunstância*, obra que foi logo apreendida pela PIDE, o que mostra que a literatura pachecal era tudo menos inofensiva. Neste mesmo ano publicou *Maravilhas e maravilhas caldenses* bem como *Os namorados: novela neo-abjeccionista*.

(10) Título integrado na coleção «A Antologia em 1958», sob a direção de Mário Cesariny.

(11) Em 1988/89 foi adaptada ao teatro e levada à cena pelo Teatro Cornucópia, o que voltou a suceder em 2013 no Teatro Nacional D. Maria II. Também em 2008, na passagem de um ano da morte de Cesariny, a lisboeta Galeria Perve editou a *Comunidade* de Luiz Pacheco, com pinturas de Cruzeiro Seixas.

No ano seguinte deu à estampa *Textos Locais* e o folheto *João Rodrigues: um marginal*. Em 1969 prefaciou *A filosofia na Alcova* do Marquês de Sade, com o título «O Sade aqui entre nós». Em 1970, editou na sua Contraponto *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*, escrito em 1961 e que é uma obra característica do neo-abjecionismo, onde narra um dia passado numa Braga fantasmática e lúbrica, junto com a sua libertinagem mais imaginária do que carnal, associando «Angola É Nossa» a Braga.



O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor, 1970

Ainda nesta década saiu a lume da «charrua» de Pacheco *Exercícios de Estilo* (1971) e *Literatura Comestível* (1972), ambos na Estampa. Em 1974 foi a vez de Pacheco *Versus Cesariny: folhetim de feição epistolográfica*, e do desdovrável *A Pide nunca existiu*. Seguiram-se *Carta a Gonelha*, *Textos de Circunstância* e *Textos Malditos* - todos no ano de 1977 - e depois, *Textos de Guerrilha 1*¹² (1979) e *Textos de Guerrilha 2*¹³ (1981).

●

(12) Prefácio de José João Louro.

(13) Poema prefacial de José Correia Tavares e carta posfácio do filho Paulo Pacheco.

Nos anos 80 e 90 foram publicados *O Caso das Criancinhas Desaparecidas* (1981), *Textos de Barro* (1985), *O teodolito e a velha casa* (1985), *Textos Sadinós* (1991), *O Uivo do Coiote e Carta a Fátima* (ambos em 1992), *Memorando, Mirabolando* (1995), *Cartas na Mesa: 1966-1996* (1996), *Prazo de Validade* (1998) e, em 1999, com João Paulo Cotrim e João Soares contribuiu com textos para o volume *Alice: ilustração*.



Luiz Pacheco com o poeta António José Forte (à esquerda) e o filho Paulo Eduardo (Massamá, 1971).
Foto: Aldina Costa

Na década seguinte Pacheco somou ainda os títulos *Isto de estar vivo* (com Alice Geirinhas em 2000), *Uma Admirável Droga* (2001), o conto de Natal *Os doutores, a salvação e o menino Jesus* (2002) e, no mesmo ano, *Mano Forte: dezassete cartas de Luiz Pacheco a António José Forte*, a que se juntam depois *Raio de Luar* (2003) ¹⁴, *Figuras, Figurantes e Figurões* (2004), *Diário Remendado 1971-1975* (2005) ¹⁵, *Cartas ao Léo: vinte e duas cartas de Luiz Pacheco a João Carlos Raposo Nunes* (2005) ¹⁶ e *O crocodilo que voa* (2008).

Luiz Pacheco também escreveu com Manuel de Lima e Natália Correia sob o pseudónimo conjunto de Delfim da Costa, que o verso do anúncio de *Caca, cuspo e ramela*, conta assim: «Juntaram-se Manuel



Da esquerda para a direita: Mário Alberto (cenógrafo e artista plástico), Luiz Pacheco, Manuel de Lima (melômano e escritor) e Álvaro Galvão (Praça do Rossio, cerca de 1960)

(14) Prefácio de Rui Zink.

(15) Fixação de texto de João Pedro George. No entanto, apenas curtos excertos foram publicados e muitos volumes manuscritos estão conservados pelo filho Paulo Pacheco.

(16) Organização e notas de António Cândido Franco.



Setúbal, 1994

de Lima, Luiz Pacheco e Natália Correia, em casa desta, e fizeram um papel com pretensões a anónimo, assinado Delfim da Costa e titulado ‘Requiem pelos corpos penados mais em destaque no cemitério ulissiponense’»¹⁷. Saiu ainda na *Contraponto*, em 1965, *30 coplas de pé quebrado compostas, musicadas, cantadas por Delfim da Costa, o cangalheiro da cidade* e um folheto intitulado *Ária de Delfim da Costa: pro domo sua*.

Enquanto editor, Luiz Pacheco revelou-se um homem de coragem e com um papel decisivo na literatura portuguesa contemporânea. Publicou no nosso país obras famosas de grandes escritores estrangeiros proibidos pelo salazarismo e editou obras de escritores portugueses seus contemporâneos, arriscando consequências pessoais como a prisão que lhe sucedeu várias vezes e o cerco financeiro pela sistemática apreensão pela Censura das suas edições.

(17) Luiz Pacheco (2009), acedido em <http://www.uc.pt/bguc/luizpacheco>.

Pacheco fundou e dirigiu, a partir de 1950, a editora Contraponto, que percorreu o país à medida da itinerância do seu criador. Dali saíram as primeiras obras de António Maria Lisboa, Herberto Helder, Mário Cesariny ou Natália Correia ¹⁸. Aliás, Luiz Pacheco foi o primeiro e apaixonado editor do surrealismo português. Também publicou José Cardoso Pires, Manuel Laranjeira, Raul Leal e Vergílio Ferreira ¹⁹. Refira-se que um dos últimos livros que editou foi *Villa Celeste* de Hélia Correia, em 1999, último ano em que usou a chance-la Contraponto ²⁰.

Ainda neste papel, Pacheco publicou a coleção «Teatro no Bolso» de vários autores nacionais e estrangeiros (1956) e lançou a revista *Cadernos de Crítica e Arte* (1962).

Crítico frontal, segundo José Saramago «dotado de uma honestidade intelectual à prova de bala» ²¹, Luiz Pacheco também nos legou textos memoráveis sobre outros criadores portugueses da sua época, frequentemente cáusticos e sarcásticos, sem inibições de qualquer espécie nem subserviências, por vezes com apreço mas sempre implacável. Tornou-se famoso e temido pelas suas críticas polémicas e mordazes e por denunciar a desonestidade intelectual e a censura imposta pelo Estado Novo.

Ficou célebre o seu opúsculo *O sonâmbulo chupista* ²² em que demonstrava como Fernando Namora, no seu *Domingo à Tarde* plagiara partes da *Aparição* de Vergílio Ferreira. Numa entrevista a Guilherme Pereira afirmou «Eu apenas fiz a divulgação da vigarice do

(18) Têm também nome de rua em Lisboa Mário Cesariny (Edital de 24/09/2009) e Natália Correia (Edital de 23/07/1993).

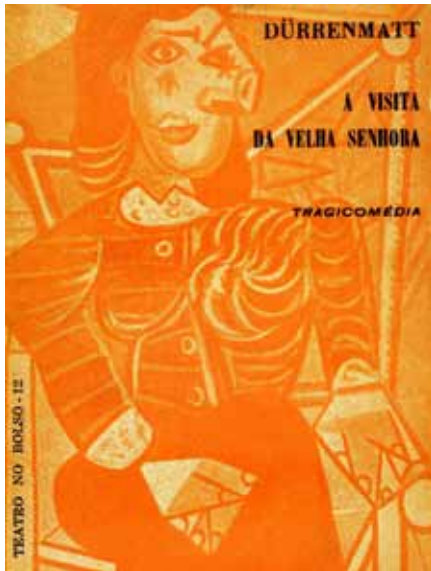
(19) José Cardoso Pires também dá nome a uma rua do Lumiar desde a publicação do Edital municipal de 18/11/2003 e, Virgílio Ferreira a uma avenida de Marvila desde o Edital de 24/09/1996.

(20) Pacheco nunca registou o nome da Editora e outros criaram, em Vila Nova de Gaia, uma editora «Contraponto» que não deve confundir-se com a original.

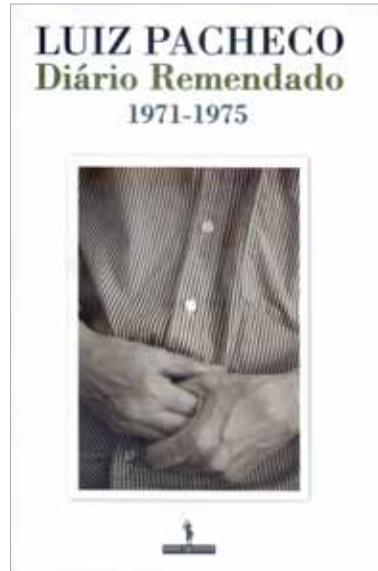
(21) Depoimento no documentário PANAVÍDEO (2005).

(22) Editado na Contraponto em 1980.

Namora... O Namora era um vigarista, o gajo que mais plágio fez em toda a história da literatura» e caracterizou a época da seguinte forma: «Eu, que nasci em Lisboa, via-os chegar da província, os Namoras, os Amândios César, os Paço d'Arcos, etc., andavam por aí a borbulhar, a deslizar, a ver quem chega primeiro. É como os espermatozoides.»²³



Uma das traduções de Luiz Pacheco : *A Visita da Velha Senhora*, 1960



Diário Remendado, 2005

Para garantir a sua subsistência, Luiz Pacheco também fez trabalhos de tradução de modo muito consciencioso e profissional, de Tchekov a Jaspers, passando até por livros infantis. O seu filho Paulo Pacheco conta que para validar a versão francesa que utilizou para traduzir Tchekov, Luiz Pacheco comprou uma edição russa apenas para contar o número de parágrafos.

Ao longo de toda a sua vida Pacheco também colaborou com inúmeros jornais, desde o *Diário Notícias* até à *Bola*. Escreveu para o

(23) Acedido em http://www.triplov.com/luiz_pacheco/Entrevista-GPereira/Molero.htm.

Afinidades, Bloco, Diário Ilustrado, Diário Popular, Globo, Norte Desportivo, Notícias de Teatro, Seara Nova, Volante e, sempre a convite de Nicolau Santos, uma página de artes para os jornais *Diário Económico* e depois para o *Público*. E ainda deu uns passos no cinema, no filme *Conversa Acabada* ²⁴ de João Botelho, interpretando Fernando Pessoa na sua morte.

Como homem livre que era mostrou em todas as facetas da sua vida ser avesso a cânones, libertando a sua irreverência escrita e falada. A sua «tribo» somou oito filhos ²⁵ de três mães adolescentes ²⁶. Viveu em Lisboa – na Rua de Dona Estefânia, na Rua Andrade, na Rua Almirante Barroso e na Rua Jorge Colaço -, nas Caldas da Rainha, em Massamá, em Setúbal e no Montijo passando à memória dos portugueses os seus óculos de aros grossos ²⁷ e a sua crítica pronta. E sobre o 25 de Abril de 1974 escreveu «Foi bonito e foi rápido. Já posso morrer mais descansadinho.»

Parte da sua obra permanece ainda hoje inédita, em particular o seu *Diário*, que redigiu, de forma quase ininterrupta a partir de 1971, do qual só foram publicados alguns volumes ²⁸, bem como, os milhares de epístolas que escreveu ao longo dos anos, pelo prazer de comunicar com amigos e parceiros de projetos literários, e por necessidade já que muitas das suas cartas destinavam-se a pedir apoios a amigos e mecenas.

Luiz Pacheco faleceu aos 82 anos, a 5 de janeiro de 2008, a caminho do Hospital do Montijo ²⁹. Desde o dia de 1989 em que foi ao Centro



(24) Filme estreado em 1982: http://www.amordeperdicao.pt/basedados_filmes.asp?FilmeID=164.

(25) Maria Luísa (1948), João Miguel (1950), Fernando António (1958), Luís José (1959), Adelina Maria (1961), Paulo Eduardo (1963) e Maria Eugénia (1964), Jorge Manuel (1965).

(26) Maria Helena, Maria do Carmo e Maria Irene.

(27) Apenas em 2007 deixou que o operassem às cataratas.

(28) *Diário Remendado- 1970-75* (2005).

(29) Em rigor, o Hospital do Montijo registou o óbito às 22h17 onde o escritor teria entrado já sem vida.



Quatro dos oito filhos de Luiz Pacheco e Maria Irene. De pé, da esquerda para a direita: Luis José, Adelina Maria e Paulo Eduardo. Ao colo Maria Eugénia. (Setúbal, Parque do Bonfim, 1961)

de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, para se inscrever no PCP que pôs como condição ter uma bandeira do Partido sobre o seu caixão e um discurso no seu funeral, como sucedera com Ary dos Santos ³⁰. E assim foi.

A título póstumo, recebeu em 15 de setembro de 2008 uma condecoração da Câmara Municipal de Setúbal.

(30) Ary dos Santos tem rua em Benfica desde o Edital de 28/02/1984.

A Câmara Municipal de Lisboa homenageia o lisboeta e intelectual brilhante da cultura portuguesa Luiz Pacheco ao perpetuar o seu nome na cidade, numa artéria pedonal de Marvila.



Luiz Pacheco no *Lar dos Amigos dos Hospitais* (Lisboa, 2004). Foto: Patrícia Soares



BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAL:

- Elementos documentais fornecidos pelo filho Paulo Pacheco.
- Voto de Pesar da Assembleia Municipal de Lisboa, de 22 de janeiro de 2008, aprovado por unanimidade.

PUBLICADA:

- (2007). «Luiz Pacheco - O caso do sonâmbulo chupista», acedido em <http://www.youtube.com/watch?v=QwJXJJ3qc4o>.
- (2008). «Espírito crítico e irreverência de Luiz Pacheco elogiados», *Público*, 6 de janeiro.
- (2008). «Funeral de Luiz Pacheco», acedido em http://luizpacheco.no.sapo.pt/requiem/funeral_pcp.htm.
- (2008). «Morreu Luiz Pacheco», *Público*, 6 de janeiro .
- (2009). «Luiz Pacheco», acedido em <http://www.uc.pt/bguc/luizpacheco>.
- (2012). «Luiz Pacheco - O Libertino», acedido em <http://www.youtube.com/watch?v=vs72TLvQa8k>.
- (2013). *Luiz Pacheco – Portal oficial não-oficial*. acedido em <http://luizpacheco.no.sapo.pt/index.htm>.
- AMORIM, Emanuel, (2013), «Editem o Pacheco, pá!», 9 de setembro, acedido em <http://www.orgialiteraria.org/2013/09/editem-o-pacheco-pa.html>.
- GUEDES, Maria Estela e MARTINS, F.(s/d), «Luiz Pacheco», acedido em http://www.triplov.com/luiz_pacheco/.
- JT, (2007), «Luiz Pacheco em entrevista à Kapa (1992)», acedido em <http://ofuncionariocansado.blogspot.pt/2007/08/luiz-pacheco.html>.
- JT, (2008), «Luiz Pacheco: entrevista ao Jornal de Letras (2005)», acedido em <http://ofuncionariocansado.blogspot.pt/2008/01/daqui-50-anos-pode-ser-que-se-fale-de.html>.
- LOURES, Carlos, (s/d), «Luiz Pacheco – Escritor e editor português: 1925-2008», *Vidas Lusófonas*, acedido em <http://www.vidaslusofonas.pt/lpacheco.htm>.

- LUCAS, Isabel, (2008), «Luiz Pacheco ou o maldito bem-amado da literatura», *Diário de Notícias*, 7 de Janeiro.
- NABAIS, R. e NUNES, V., (2008), «Não estou aqui a fazer poses.», *Sol*, acessido em <http://ofuncionariocansado.blogspot.pt/2008/01/luiz-pacheco-ltima-entrevista.html>.
- NUNES, Luís Pedro, (2001), Crónica sobre Luiz Pacheco para o Portal Clix, 26 de dezembro, acessido em <http://luizpacheco.no.sapo.pt/artigos/lpn.htm>.
- PANAVIDEO, (2005), Luiz Pacheco – *Mais um Dia de Noite*, acessido em <http://www.youtube.com/watch?v=rBoh62iMKdg>.
- RIBEIRO, Anabela Mota, (1998). «Luiz Pacheco», acessido em <http://anabelamotaribeiro.pt/17360.html>.



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura | Catarina Vaz Pinto

Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga

Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Título | Luiz Pacheco

Textos | Paula Machado

Design | Ernesto Matos

Tiragem | 200

Ano | 2014

Depósito Legal | 384838/14

Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa

Agradecimentos | A Paulo Pacheco, filho de Luiz Pacheco, pela cedência de documento e fotografias, bem como pela revisão do texto.

RUA LUIZ PACHECO



N39.059716
W-9.162598



COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA